2007 ***Pintura NA TAL Ilha,*** Casa da Cultura de Câmara de Lobos, Câmara de Lobos

2008 ***O menino da sua mãe,*** Casa da Cultura de Câmara de Lobos, Câmara de Lobos

2009 ***Viagem ao coração dos pássaros,*** Casa da Cultura de Câmara de Lobos, Câmara de Lobos

Projeto Flor, Biblioteca de Câmara de Lobos, Câmara de Lobos

2010 ***Arte Jovem 2010***, Câmara Municipal de Torres Vedras, Torres Vedras

Desenha-me uma gaiola Casa da Cultura de Câmara de Lobos, Câmara de Lobos

2011 ***Floresta de Afetos***, Câmara Municipal do Funchal com Associação Centro da Mãe, Funchal

Traços Linhas Riscos Formas Ponto, Mouraria - Galeria de Arte, Funchal

Memórias de criança, Casa da Cultura de Santana, Santana

2014 ***Luz - Projeto de Instalação***, Galeria Espaçomar, Funchal

parteDoCORPO, Galeria Espaçomar, Funchal

2015 ***Festival AquiAcolá***, Ponta do Sol

2016 ***Desenhos***, Living Room Boutique Bar, Prazeres I Micro Club I Art Gallery, Funchal

Paisagem, B.I. Concept, Bairro Alto, Lisboa

2019 ***=DADE/G,*** Câmara Municipal do Funchal, Funchal

2024 ***Toda a memória já foi um agora***, Ação de Sensibilização no Dia Mundial da Pessoa com Alzheimer, Desenho ao vivo, Praça Central Fórum Madeira, Funchal

2025 ***Traços da Memória***, Performance Feira do Livro, Funchal

Semana do Bordado Madeira, IVBAM, Barceló Funchal Oldtown, Funchal

2026 ***aCORDE*** - Festival Internacional de Cordofones Tradicionais, ALRAM, Funchal

Prémios

1998 1.º Prémio*, São Francisco Xavier*, Câmara Municipal e Diocese de Setúbal, Setúbal

2003 1º prémio *Criarte*, Funchal

2010 3º Prémio, *Prémio Desenho Severo Portela,* Câmara Municipal de Almodôvar, Almodôvar

2011 1.º Prémio, Desenho/Pintura de Vila de Rei *Elemento Terra*, Vila de Rei

Galeria de Arte Francisco Franco

26.02.2026 - 13.05.2026

Escola Secundária de Francisco Franco

Curadoria:

Pedro Berenguer

MIGUEL SOBRAL

Nasceu em Setúbal. É licenciado em Artes Plásticas. Vive e trabalha na Madeira, local onde exerce, também, atividade nos serviços educativos do Universo de Memórias João Carlos Abreu (Centro Cívico e Cultural de Santa Clara), no Funchal.

Integrou o grupo PorventuraTeatro, no qual desempenhou funções de ator e cenógrafo. Colaborou em produções do Teatro Avesso da Associação Avesso, colaborou com a Associação Teatro Experimental do Funchal (ATEF), também como ator e, mais recentemente, na Companhia Contigo Teatro e Teatro dos Emplastros, também como ator. Desenvolve trabalhos de ilustração, dos quais se destacam os realizados para a coletânea de poesia *(De)Corrente*, editorial Minerva e a obra infantil *O Mundo Azul da Menina Maçã*, de Rosário Antunes, Chiado Editora.

Tem participado em projetos artísticos de natureza diversa sendo a pintura e, particularmente, o desenho as áreas mais exploradas.

Exposições Individuais

2005 ***Viagens de um voyeur***, Mouraria - Galeria de Arte, Funchal

2008 ***A utopia de Vénus***, Mouraria - Galeria de Arte, Funchal

2016 ***TOPOS - Topografia da carne***, Living Room Boutique Bar, Prazeres I Micro Club I Art Gallery, Funchal

2019 ***Uma tarde, duas manhãs***, Galeria dos Prazeres, Prazeres

DESENHO: corpo para uma paisagem, Galeria Espaçomar, Funchal

Exposições Coletivas e outras intervenções

2001 ***Sob o céu da Arrábida***, Museu de Etnografia e Arqueologia do Distrito de Setúbal, Setúbal

2002 ***Tons de luz e sombra***, Arte & Oficina, Setúbal

2005 ***4ª Bienal Internacional de Arte Jovem de Vila verde***, Vila Verde

entre a flor e a pele

entre a flor e a pele, enquanto título, esboça uma leve provocação ao olhar, ver, sentir e pensar a narrativa expositiva que agora se acolhe na Galeria da Escola Secundária de Francisco Franco, sob coordenação de Pedro Berenguer. É um discurso entre o título e as obras dialogantes entre si e o público visitante, numa perspectiva didáctica e pedagógica sobre o desenho (e desenho-pictórico), extrapolando algumas fronteiras que colocam todas as coisas em gavetas arrumadas e numeradas, sem questionamento da inquietação que deve provocar um exercício oficinal, mas estético, como o que Miguel Sobral apresenta ***entre a flor e a pele***.

entre a flor e a pele leva-nos a tomar como exemplo, neste discurso expositivo, a representação das folhas da *monstera deliciosa*, conhecida entre nós por *costela-de-adão.* Planta *imigrante*, que entrou na botânica insular vinda de húmidas florestas tropicais, ainda no século XIX, com a função de ornar os jardins das quintas e casas mais abastadas da Ilha da Madeira, mas também embelezar os canteirinhos desenhados com pedra de calhau rolado e vasos de barro vermelho, que habitavam em outros lares igualmente de gentes arquipelágicas. Planta da família das *araceae*, autopolinizante, é tóxica, segundo os manuais de botânica e as vivências humanas, mas produz um fruto comestível (composto por vários frutinhos – *infrutescência*), de sabor exótico, que combina sensações gustativas de banana, ananás e anona (segundo a nossa memória de infância). Diríamos que é um paradoxo da natureza!

A folha é um fragmento da planta. E no desenho também. É a simples representação da *mímesis* de uma realidade exterior e observável, mas vai além do *imitatio* (imitação), conquanto resultado de um exercício gráfico. É apenas a folha cordiforme da *monstera deliciosa*: de grandes dimensões, espessa, dura, que sabemos de verde escuro e luzidio (acto automático de recorrência à nossa memoração), com fendas, aberturas, recortes, fenestrações – marcas do seu crescimento e envelhecimento natural. Aqui, no desenho, reduzida a preto e branco, e laivos de cinzento, encontra nas linhas e nas manchas, leves ou intensas, por força da cor negra do carvão ou pela marca do gestualismo do artista, a construção de formas e volumes, enfatizando a busca numa certa desconstrução e esfacelação. Aqui, percepciona-se a dialéctica entre a assimilação e prática *(theoria et praxis)* de representar o mundo visível e sensível – o mundo das percepções e sensações; das aparências tácteis-visuais (densidade da matéria, textura, luminosidade, brilho, transparência, translucidez, opacidade, cor). A folha da *monstera deliciosa* apresenta-se verosímil aos olhos do espectador – ela própria, autêntica e natural, distante de qualquer ambiguidade – mas plástico-expressiva através do virtuosismo gráfico-pictórico do artista – Miguel Sobral. É digna de uma *vanitas* (natureza-morta) barroca, pois a exploração do claro-escuro explicita bem a interpretação e representação da passagem da sombra à luz, ora de modelação suave, ora de violentos contrastes lumínicos. Como escreveu Daniele Matteo Barbaro (1514-1570), pintor e gravador italiano, «as sombras na pintura não são outra cousa mais, que falta de luz, porque aonde a luz dà & fere, sempre alli està mais claro, & aonde ella vay faltando, logo as sombras se vão seguindo, pouca & pouco», citado por Philippe Nunes, pintor português, na sua obra *Arte da Pintura. Symetria, e perspectiva* (1615), primeiro tratado de pintura impresso em Portugal e na Península Ibérica.

No desempenho de leitora desta exposição – ***entre a flor e a pele*** – e escrivã deste texto, tenho de provocar uma revisitação às *monsteras deliciosas* de Henri Matisse (1869-1954), que se fez fotografar junto desta espécime botânica que também foi modelo / objecto de representação nas suas pinturas, veiculando uma forte simplificação formal e cromática. Esta é uma condição de viajante pela História da Arte como forma de exercitar novas leituras perante temáticas afins ou similares, em novos contextos espaciais, temporais e artísticos.

Se Miguel Sobral foi além da morfologia da *monstera deliciosa*, na representação dos corpos humanos, sempre em exercício oficinal e experiencial, capta e regista a efemeridade e transitoriedade da vida, continuadamente com recurso operacional da aplicação da luz e da sombra nos seus desenhos-pictóricos. Os corpos humanos – individualizados ou em grupo; em interiores ou exteriores; inteiros ou subdivididos; em perspectivas lineares ou em escorço; no exercício das suas profissões (a bordadeira, por exemplo) ou em momentos de lazer ou de movimentação, requerem do espectador um processo de vá além do *olhar***,** é necessário ver, esse perscrutar consciente e crítico que exige manusear instrumentos que permitam descodificar os códigos e signos dos desenhos em apreço – os desenhos-pictóricos expostos em ***entre a flor e a pele***, que planteiam mares, veredas, casas, levadas, retratos, plantas, flores, pessoas.

Desconstruir os desenhos através de dobragens, apelando ao jogo tradicional de «Quantos queres?», em forma de origami e ganhando volumetria própria do mundo escultórico, é um exercício de ocultação / desocultação de mensagens, que imploram a manipulação manual (quiçá aludindo ao toque!) e agilidade no abrir e fechar do objecto, que se movimenta horizontal e verticalmente apenas com as mãos – as mãos, com ossos, músculos e nervos, são as mesmas que traçam um linha ténue entre a carícia ou a agressividade –. Nestes «Quantos queres?», a mensagem está codificada em desenho e a gramática, por enquanto, desconhece as normativas para repor bidimensionalmente as formas quebradas (acaso destruídas?).

Na pintura, ou no que tradicionalmente se identifica como pintura, pelo suporte e cor, Miguel Sobral caminha pelo mesmo espaço de experiência da luz e sombra, agora através de cromatismos cuidadosamente aplicados, apostando ainda na fragmentação das formas. No retrato, prima por um certo hiper-realismo, de grande preciosidade técnica, com minuciosas pinceladas, em forma de linhas ou manchas controladas e sobrepostas em camadas sucessivas de tinta que vai composto e estruturando a forma, aliás, processo que utiliza comummente na pintura. É um retrato físico. E como afirmou Francisco Pacheco (1564-1644), pintor e tratadista espanhol, na sua obra *Arte de la Pintura*, concluída em 1638, mas publicada postumamente em 1649, é necessário dominar o desenho, a anatomia do corpo humano, o claro-escuro e o cromatismo, para pintar um retrato de invenção, de memória ou tirado ao *natural,* pois implica domínio na técnica da representação atendendo que o fim primeiro do retrato é ficar parecido com o retratado. Mas como Miguel Sobral transcende a técnica pela técnica, então será justo sublinhar que aqui o retrato é mais do que um retrato físico: é um memorial afectivo.

entre a flor e a pele remete-me para a releitura do verso «Sombra tinta do sol», de Apolinaire (*Calligrammes*, 1918), onde a sombra, simbólica e metaforicamente, é escrita de luz.

Rita Rodrigues, Fevereiro de 2026